

APORIA

A palavra aporia vem do grego e significa dúvida, impasse, hesitação. Diante de uma indagação filosófica, aporia diz respeito à impossibilidade de se chegar a uma conclusão em virtude da equivalência racional de argumentos contrários. No meio de um discurso, aporia é quando o orador titubeia na escolha da palavra subsequente. Como título da exposição da dupla Ío, a palavra aponta para um conjunto de obras que têm no equilíbrio entre opostos um de seus fios condutores. Com uma prática de trabalho de quase uma década, a dupla Ío, formada por Laura Cattani e Munir Klamt, constitui com suas obras um traçado de sentidos labirínticos e múltiplos. Os dois integrantes são propositores e, ao mesmo tempo, a principal interlocução. Não há assinatura individualizada nem divisão de papéis entre a ideia, a realização, a exposição e o registro. O protagonismo altera-se, de acordo com o projeto, e eles creditam à dualidade e à alternância a capacidade de serem eles mesmos críticos de seu processo. A dupla define-se como um sistema auto-ordenado e ao mesmo tempo aberto.

A chegada do terceiro elemento que ora vos fala, com viés curatorial e olhar crítico, implicou numa aproximação que se deu, sobretudo, por meio de um diálogo, generoso em ideias e aberto na forma. Os ecos desse encontro estão incorporados nas obras e podem ser conhecidos, também, por meio deste texto-conversa. Se a estrutura em par implica a abertura da alteridade, a opção pelos muitos sentidos está manifesta, antes de tudo, no próprio nome da dupla. Sem o acento agudo – escolhido para criar distinção –, Ío é uma lua de Júpiter e também o nome de uma sacerdotisa que, na mitologia grega, foi objeto da paixão de Zeus e sofreu com a fúria de sua esposa Hera. Ío, para os artistas, representa de forma concisa e gráfica a antitética interna de um círculo e uma linha. Também contribuiu o fato de que em diversas línguas as palavras mais corriqueiras tendem a ser monossílabos (as negações e as afirmações, por exemplo). Ío em italiano é “eu”, o que não deixa de ter certa ironia quando pensamos em uma dupla (um nós).

Diante do conjunto de esculturas, desenhos e vídeos de Aporia, a incerteza, dotada de perplexidade, é um caminho possível para experimentar esse estado transitório que é a exposição, tanto quanto sugere o sentido do termo que lhe dá título. Atração e repulsa, peso e leveza, orgânico e artificial, desejo e apatia, claro e escuro, sensualidade e violência são apenas alguns dos conceitos que aqui atuam, nunca se repelindo, mas se acumulando como em camadas. Parece aos artistas que o conflito antagônico que é estabelecido na linguagem pode, com mais facilidade, ser borrado nas artes plásticas. Como se a mesma luz que usássemos para iluminar um aspecto projetasse a sombra de seu contrário, e um observador atento percebesse que o duplo do desejo é a morte do movimento, a imobilidade (mas também as gradações entre ambos). E estas aparentes oposições são unidades de outra ordem, que separamos por hábito, mas não por sua natureza real.

No desenvolvimento das obras da Ío, estão agregados questionamentos insistentes sobre suas implicações conceituais e as condições de sua realização material. Sem perder coerência, os trabalhos surgem de referências diversas de tempo e espaço. Da astronomia ao traçado das formigas, do para-brisa estilhaçado de um carro aos bigodes de um gato, caídos no chão, não há hierarquia formal na seleção de temas. A operação que interessa aos artistas é escapar da especificidade do mote para poder tocar questões abrangentes porque polissêmicas. A pauta que elegem, então, é menos da ordem dos acontecimentos, fatos sociais ou políticos, e mais dos impulsos e sensações, dos acometimentos. Sem partir de uma técnica artística ou de um suporte preferencial, a dupla trabalha por meio de projetos e pesquisas que vão, de acordo com suas demandas conceituais, convocar os ofícios e ditar o rol de elementos materiais de que serão constituídos. As obras provêm de uma ênfase na individualização. Elas possuem uma ideia que as enforma, uma genealogia que as sinaliza e uma materialidade que lhes dá concreção. Sob alguns aspectos, são autotéticas, fechadas em si mesmas e em sua lógica interna. Por outro, são uma linguagem que pertence ao campo da arte, ao seu tempo e ao nosso idioma.

As obras, em alguma medida, parecem ser formuladas a partir de um sistema de associações, que não necessariamente conforma uma instância comunicativa. Muitas dessas associações são elaboradas a partir de relações entre seus diversos elementos constitutivos, com sentidos e significados às vezes causais e lógicos, outras vezes casualísticos e esotéricos. Os títulos, nesses casos, funcionam como mais uma instância de mistério. Trazem consigo a familiaridade de serem oriundos da língua portuguesa, mas ao mesmo tempo são palavras ou expressões em desuso, eruditas ou de vocabulário específico, resgatadas da geologia, mitologia ou da filosofia. Quando decifrados, configuram-se como chaves interpretativas. O enigma, para Ío, configura um método de trabalho ou um gesto poético a ser alçado. É na tessitura da obra que se encontram essas condições dissonantes. O significado dos títulos, que são substancialmente velados, ajuda no discernimento da intenção. No entanto, seu desconhecimento incentiva o espectador a especular, criar versões. Ambas as possibilidades são válidas e relevantes.

A convivência de Laura Cattani e Munir Klamt, da Ío, extrapola a prática artística e, desse encontro profundo, parece vir boa parte do léxico de experimentos que se apresenta como obra. O masculino e o feminino, como instâncias complementares, informam ainda que indiretamente a maneira como se constituem as obras. De modo análogo, onde está a beleza amorosa de Eros, com seu arco e flecha, reside também Tânato, como nuvem prateada que enseja a morte. Os jogos de poder, inerentes às trocas relacionais entre sujeitos, aqui têm o corpo como lugar de realização. Seja na exposição da pele, dos orifícios, das curvas, cabelos e reenâncias, seja na sensualidade tátil dos materiais inorgânicos, é o corpo o ponto de partida e o local de chegada. Um corpo é uma unidade de medida para tudo que nos cerca e com que estabelecemos relação. É um conjunto de processos (fluxos de diversas ordens – sangue, hormônios, oxigênio), um repositório do tempo (cicatrizes, envelhecimento). É também um lugar, em certo grau, imaginário. O corpo, nos trabalhos, parece estar sempre no gerúndio, servindo como instrumento para indicar algo: ação, processo ou coisa. E, ao mesmo tempo, é uma personagem, uma representação ficcional de si mesmo.

Além de sua atuação artística, os integrantes da Ío se dedicam à pesquisa acadêmica, que versa principalmente sobre sua própria produção e seus arredores teóricos. Quando perscrutam o seu fazer como artistas e o pensamento sobre arte, arejam sua prática, ao passo em que adensam os meandros discursivos de uma obra que tende à cosmogonia. Quando perguntados sobre suas referências, resistem à ideia de alusão, mas apontam o incontornável Marcel Duchamp, perspicaz e de humor subversivo, como um personagem importante. Em suas obras, a Ío bebe também do cinema de David Lynch, da poética orgânica de Tunga, da narrativa fantástica de Lewis Carroll, de textos da filosofia, de estudos psicanalíticos, da mitologia, todos referências que orbitam as obras e que são articuladas por livre associação.

Como artistas, acabam se definindo como uma unidade de medida metafísica ou um experienciador mais próximo a um cientista, que inquirir sobre o mundo que o cerca e para o qual ele busca formas de entendimento.

As obras de Aporia, por fim, não estão apartadas do real. O ambiente que elas habitam, no entanto, é aquele entre o sonho e a alucinação, ou entre o desejo e o fetiche. Está na origem da produção artística de Cattani e Klamt uma atuação ligada ao teatro, dado que está presente na forte carga simbólica de suas obras, ainda que não se fundamentem de maneira narrativa. Há uma dramaticidade inerente à presença dos trabalhos, justificada por toda essa riqueza de sentido, mas também pela escolha dos materiais. Vidro, chocolate, ímã, talco aqui têm suas qualidades físicas desafiadas em condição de instabilidade. Além do próprio corpo, que, mesmo quando não está representado, é convocado em seus instintos. Há um estado – hipnagógico – quando se está em uma zona fronteira e indefinida entre o estado desperto e o sono, em que sons, texturas e sensações da realidade migram, transformados, para os sonhos. Para a consciência que ainda está parcamente atuante, aqueles conjunto de imagens são delicadas alucinações, pois possuem uma lógica ao mesmo tempo alienígena e fascinante. Algo como a sinestesia. Acreditamos que as várias camadas associativas são, de alguma forma, a tentativa de reproduzir, traduzir estes estados orgânicos excepcionais, esta outra disposição de causa e efeito, em objetos artísticos.

(Júlia Rebouças, a partir de conversas e de entrevista, em maio de 2015, com a Ío.)